

RELAÇÃO INTERPESSOAL: UMA DAS COMPETÊNCIAS NECESSÁRIAS NO TRABALHO DO PROFESSOR

Maria Otilia José Montessanti Mathias¹

Resumo: Este artigo trata das relações interpessoais na Universidade, a respeito de alunos ingressantes no ensino superior noturno. O relato dos alunos ingressantes demonstra ser fundamental a percepção do professor e da Universidade de que as relações interpessoais desenvolvidas entre professor-aluno, aluno-aluno e aluno-instituição fazem parte do processo de ensino-aprendizagem. As experiências das instituições de ensino superior selecionadas evidenciam a necessidade de implementação de serviços de tutoria que propiciem o desenvolvimento de relações interpessoais para que os alunos se integrem na Universidade. Vislumbram uma formação mais integral, mais humana, propondo o acompanhamento das ansiedades, medos e dificuldades que emergem durante o ritual de passagem do ensino médio para o ensino superior.

Palavras chave: relações interpessoais, ensino superior e vivência universitária.

Abstract: This article is about the interpersonal relationships in the University, regarding students ingressantes in the night higher education. The report of the students ingressantes demonstrates to be fundamental the teacher's perception and of the University that the interpersonal relationships developed among teacher-student, student-student and student-institution is part of the teaching-learning process. The experiences of the selected higher education institutions evidence the need of implementação of tutoria services that you/they propitiate the development of interpersonal relationships so that the students are integrated in the University. They shimmer an integraler, more human formation, proposing the accompaniment of the anxieties, fears and difficulties that emerge during the ritual of passage of the medium teaching for the higher education.

Key words: interpersonal relationships, higher education and university existence.

Ao ingressar na Universidade, o aluno depara-se com a necessidade de adaptar-se a um universo novo, nem sempre acolhedor, embora essa mesma Universidade defina como seu objetivo maior

o desempenho acadêmico e a dimensão pessoal do aluno, ou seja, seu desenvolvimento integral. Pensar que o aluno seja ele jovem ou adulto, está apto a enfrentar os desafios de uma carreira universitária e superar obstáculos sem ajuda, acom-

¹ Doutora em Psicologia da Educação pela PUC/SP. Mestre em Supervisão e Currículo pela PUC/SP. Bióloga e Pedagoga. Docente da PUC/SP e PUC/Sorocaba. Endereço para contato: momathias@dialdata.com.br

panhamento ou orientação é demonstrar uma visão ingênua da vivência acadêmica na Universidade.

Os primeiros meses de convivência acadêmica com os alunos ingressantes universitários sempre despertam minha atenção. Suas faces - verdadeiros caleidoscópios - apresentam o brilho no olhar de quem inicia a trajetória universitária. Em seus gestos, a expectativa em relação ao ambiente desconhecido, pois tudo lhes é novo: professores, colegas, horários. As matérias não são mais matérias, mas disciplinas; não há mais série, mas semestre. O sorriso acanhado indica um questionamento: -E agora, o que faço? Suas fisionomias denotam uma combinação complexa de alegria-insegurança, segurança-medo, certeza-dúvida.

A Universidade pode ser um ambiente prazeroso, se possibilitar crescimento pessoal e profissional, ou se apresentar como um ambiente gerador de frustração, de angústia, de sensação de incompetência, se as dificuldades que se apresentarem não forem vencidas.

Hoirisch (1993) afirma que na Universidade, verificam-se decorrências sérias acerca do novo para o aluno calouro:

Para esse estudante, que está iniciando o curso universitário, além de questões como a aquisição do domínio da linguagem acadêmica, a incorporação de atitudes e valores à carreira escolhida, o conhecimento do novo espaço físico, com a perda da referência da sala de aula exclusiva da turma como ponto de apoio, o desligamento abrupto do grupo de amigos de vários anos, ele tem também de enfrentar o fato, que pode ser cruel, da percepção, nem sempre consciente de que ao entrar para o ensino superior, deixa de ser visto como membro de um grupo social ou até familiar, porque ele já não é igual aos membros pares. (HOIRISCH, 1993:24)

O aluno ingressante ainda não criou vínculos em seu novo ambiente e percebe distante a realização de seus novos projetos.

Em minha atuação como coordenadora pedagógica e orientadora educacional em escolas de ensino médio, a convivência com os alunos também me evidenciava um aluno que, ao falar de seu projeto de cursar a Universidade, demonstrava ser ela vista como o ponto de chegada de muitos anos de preparação e o meio para se lançar a novas conquistas.

Entusiasmados esses alunos falavam-me de uma Universidade que os prepararia para o ingresso na profissão desejada. Ao mesmo tempo, viam-na como um período em que conviveriam com professores, profissionais muito qualificados, colegas diferentes, e um conhecimento aprofundado. Mas era um entusias-

mo sempre perpassado por algumas dúvidas: “O curso que pretendo fazer é o mais indicado para mim? Será que vou dar certo nele? Como serão meus novos professores? E meus colegas?”.

Minhas observações, tanto no ensino médio, como no superior, apontaram para um foco: a importância das relações interpessoais inseridas na prática pedagógica dos professores.

Segundo Placco (1998:20), a relação socioafetiva e cognitiva entre professor-aluno e aluno-aluno é reveladora da dimensão humana-interacional que se constrói “pela observação e busca de conhecimento da vida, do desenvolvimento e da aprendizagem”.

Minha preocupação com a dimensão do relacionamento interpessoal levou-me à busca de aprofundamento teórico, e foi na psicologia humanista, em especial na *Abordagem centrada na pessoa*, que encontrei subsídios consistentes.

Quando comecei a revisitar as obras de Carl R. Rogers, o principal representante dessa abordagem (e quem a elaborou), ele já demonstrara por meio de inúmeras pesquisas – suas e de seus colaboradores - que seus pressupostos possibilitariam uma nova política de relações humanas. Tal política apresentaria resultados mais satisfatórios para os participantes de uma relação pautada por determinadas atitudes, as quais denominou de “atitudes facilitadoras”. *Autenticidade, compreensão empática e*

² Em diferentes momentos de sua obra, Rogers refere-se a essas atitudes ou condições facilitadoras com diferentes terminologias.

*consideração positiva incondicional*² apareceram, primeiro, em sua teoria da terapia; posteriormente, na teoria da personalidade, das relações interpessoais e da aprendizagem; são “atitudes

que conduzem à mudança, ao crescimento e a melhores relacionamentos”. E ainda: “não são misteriosas, embora possam ser difíceis de serem alcançadas”. (ROGERS, 2001:158) Entretanto, apesar do grau de dificuldade que apresenta para ser entendida e experienciada, a *Abordagem centrada na pessoa*, exatamente por centrar-se na pessoa, instigou-me: seria eficaz para quem trabalha com pessoas. Além disso, eu a considerava (e a considero ainda) tal qual Rogers (2001:161), “uma abordagem verdadeiramente nova, embora não necessariamente em suas idéias, as quais podem ser apresentadas como tendo velhas raízes”. Isto é considero-a um desafio original cada vez que é vivenciada. Com esses pressupostos, minha pesquisa e estudo foram fundamentados na teoria de Rogers: *Abordagem centrada na pessoa*. Relacionando o interesse pelas relações interpessoais com minha preocupação com alunos ingressantes no ensino superior,

meu projeto de pesquisa delineou-se a partir de duas questões básicas e de seus desdobramentos:

1. *O que o relato de alunos ingressantes em cursos superiores noturnos revelaria sobre as relações interpessoais que se desenvolviam na Universidade privada?*

Que atitudes apresentadas pelos professores favoreceriam a integração e a permanência dos alunos na Universidade e a satisfação de cursá-la?

Que atitudes apresentadas pelos colegas favoreceriam a integração e a permanência dos alunos na Universidade e a satisfação de cursá-la?

Quais ações administrativas facilitariam a integração do aluno que ingressa na Universidade?

2. *Que propostas poderiam ser viabilizadas pela Universidade para facilitar a integração do aluno na vida universitária?*

Essas questões foram respondidas por alunos ingressantes (358 no total) em duas Universidades particulares, quatro cursos de Bacharelado (Administração, Engenharia de Telecomunicação, Engenharia Ambiental e Nutrição) e três cursos de Licenciatura Plena (Química, Geografia e Biologia).

O RELACIONAMENTO INTERPESSOAL NA UNIVERSIDADE

A partir da análise das respostas às questões, pude identificar atitudes/ situações indicadas pelos alunos como aquelas que propiciaram em sala de aula: clima facilitador de aprendizagem; bom relacionamento aluno-professor; bom relacionamento no grupo/classe e integração na Universidade.

Elaborei quadro e figuras para melhor visualização, entendimento e discussões, procurando entender as relações, os entrelaçamentos das atitudes/situações explicitadas pelos alunos que refletiam os objetivos, interesses e intenções dos ingressantes no ensino superior.

As respostas apresentadas colocaram em evidência o clima relacional que se espera em uma sala de aula, para que a convivência entre professor-aluno e aluno-aluno seja promotora de interações que levem à participação e à apropriação dos conhecimentos.

Os alunos identificaram em suas respostas as atitudes que esperam do professor em relação ao aluno; do aluno em rela-

ção ao professor e dos alunos entre si. Ressaltaram o significado do respeito, da ajuda, do diálogo, da amizade e do interesse como atitudes facilitadoras para que ocorram interação e integração entre os participantes no ambiente universitário.

Expuseram a idéia básica de que a sala de aula é um espaço importantíssimo no qual as pessoas - professor e o aluno - merecem todo respeito. Entenderam que a existência dessas atitudes permite ao professor e aos alunos interagirem, alcançando objetivos individuais, pessoais e coletivos simultaneamente:

A peculiaridade deste espaço comunicativo salta à vista, quando se analisa a fala produzida pelos professores e pelos alunos na aula e quando se constata a existência de algumas regularidades que não aparecem nas outras situações de comunicação. (COLL; SOLÉ, 1996: 294-5)

A sala de aula foi percebida pelos alunos como um espaço de vida acadêmica no qual se constrói um processo comunicativo desenvolvido a partir das relações interpessoais entre professor-aluno e aluno-aluno. Sendo assim, as atitudes, ações e comportamentos do professor e do aluno caracterizam as formas de interação e de participação no contexto da sala de aula.

A realidade da sala de aula é muito mais complexa e seria um erro contemplar a interação existente entre o professor e os alunos como sendo a encenação de um roteiro, com a distribuição de papéis estabelecida de antemão. (COLL ; SOLÉ, 1996: 295)

³ COLL e SOLÉ (1996), estudando a construção dos contextos de interação na sala de aula, identificam dois elementos importantes para essa construção. A estrutura de participação que se refere ao que se espera que seja feito pelo professor e pelos alunos e a estrutura do conteúdo da atividade acadêmica e a sua organização.

A sala de aula foi enfatizada como espaço no qual acontecem as relações entre o professor-aluno e aluno-aluno sendo mediadas pelos direitos e deveres³ desses participantes, pelos conteúdos e atividades acadêmicas.

Evidencia-se que os universitários ingressantes identificaram em sua maioria "a sala de aula como instituição".

Explico. É na sala de aula que a vida acadêmica desenrola-se. Aquilo que realizam e comunicam professor e aluno, com diferentes papéis e funções, é o que o aluno sinalizou como referência da vida universitária.

A aula, a explicação dos conteúdos dada pelo professor, os trabalhos solicitados individualmente e em grupo, as provas e dificuldades, as dúvidas, os êxitos, os sentimentos, todos fo-

ram considerados como componentes das relações interpessoais vivenciadas, nesse espaço.

Considerando as atitudes facilitadoras selecionadas pelos alunos, elaborei o Quadro 1, identificando a recorrência que apresentam. Embora essas atitudes desejadas sejam as mesmas para professor-aluno, aluno-professor e aluno-aluno, o que caracteriza a relação é diferente. É interessante registrar que, na maioria das respostas, os alunos utilizaram verbos (indicando as ações dos professores) que esperam estar presentes nas relações interpessoais, para o bom relacionamento e aprendizagem dos conteúdos.

professor-aluno	aluno-professor	aluno-aluno (grupo/classe)
• respeito	• respeito	• respeito
• ajuda	• interesse	• ajuda
• interesse	• diálogo	• amizade
• diálogo	• amizade	

Quadro 1 – Síntese das atitudes facilitadoras desejadas pelos alunos - 2004

As atitudes facilitadoras selecionadas constituem, para eles, a base, o fundamento para que uma interação prazerosa e construtiva entre professor-aluno e aluno-aluno aconteça. Nas relações interpessoais que são vivenciadas no espaço da sala de aula, essas atitudes se apresentam como marca pessoal diferencial que, quando presentes nas pessoas do professor e do aluno, possibilitam que as expectativas, as experiências, os valores, os conhecimentos de cada sejam partilhados e participem do processo de aprendizagem significativa e experiencial, segundo a concepção defendida por Rogers (2001).

São atitudes que se originam, que se constroem a partir da relação desenvolvida e não apenas características de uma única pessoa. Podemos entender, a partir desse pressuposto, o quanto é importante e emergencial que a Universidade, enquanto instituição social, se preocupe também com as relações interpessoais que são vivenciadas e esperadas pelos alunos durante sua formação profissional. Compreende-se então que as relações interpessoais desenvolvidas na sala de aula e nos demais espaços da Universidade, envolvendo diferentes agentes educativos continuam a se apresentar como um campo fértil para o desenvolvimento de pesquisas e estudos.

RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: EM FOCO, O PROFESSOR

Foram explicitadas pelos alunos as seguintes atitudes: respeito, ajuda, interesse e diálogo como propiciadoras de um relacionamento que permita a aprendizagem dos conteúdos. Essas atitudes, na fala dos alunos, são demonstradas pelo professor por meio das seguintes ações: conhecer, explicar e ensinar conteúdos; conhecimentos específicos referentes à disciplina que ministra; entender e compreender o aluno.

Assim, é esperado que o professor os conheça em suas especificidades. Isto é, o nível sócio-econômico cultural e a faixa etária, o seu dia-a-dia e suas possibilidades; o pouco tempo para o estudo por serem alunos do curso noturno.

Seguem as figuras que explicitam as atitudes desejadas pelos alunos.

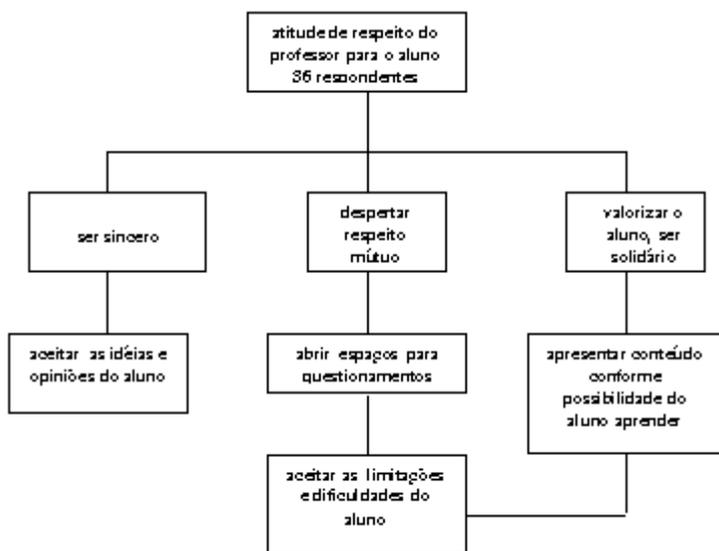


FIGURA 1 - Explicitação da atitude de respeito-2004

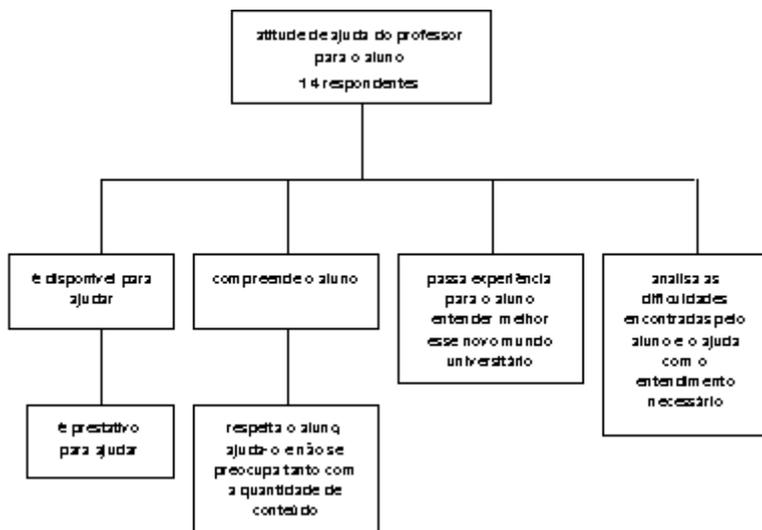


FIGURA 2 – Explicitação da atitude de ajuda - 2004

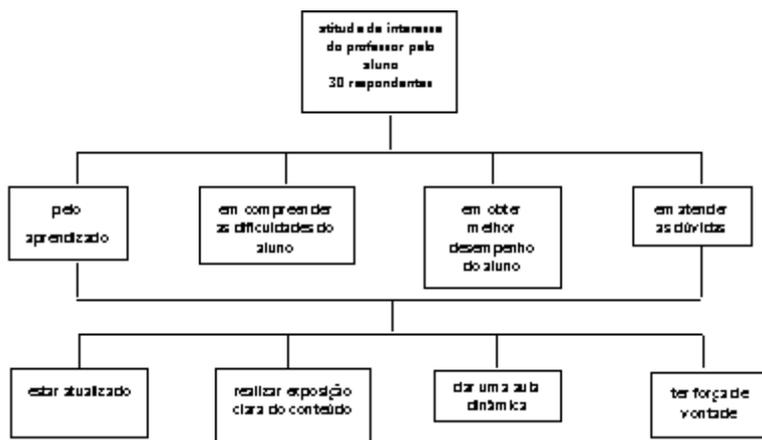


FIGURA 3 – Explicitação da atitude de interesse - 2004

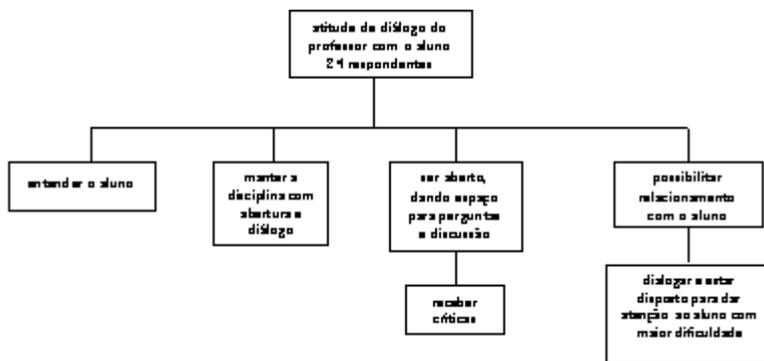


FIGURA 4 – Explicitação da atitude de diálogo - 2004

Os alunos indicaram as ações que desejam que o professor tenha, relacionando-as com a rotina que se desenvolve na sala de aula. Esperam que o professor possua domínio do conteúdo a ser desenvolvido, saiba transmiti-lo de uma maneira que não os assuste. Além disso, esperam que garanta suas aprendizagens, demonstrando ter vontade e disposição para ensinar; respeite a possibilidade e limitação de cada aluno entendendo os meios pelos quais cada um consegue aprender: como alunos adultos que são, apresentam características pessoais de aprendizagem. Desejam ainda que apresente diferentes modos de expor e aplicar os conteúdos; compreenda também o aluno oriundo de um ensino médio que não proporcionou base de conhecimentos e na Universidade demonstra certas dificuldades; aceite as dúvidas que cada aluno apresenta, ensinando qual a melhor maneira de estudar. Enfim, o aluno tem a expectativa de que o professor consiga se colocar em seu lugar, entendendo os obstáculos que enfrenta, sabendo quem ele é, ouvindo e compreendendo a cada um. Seja humano e compreensivo.

Apresento agora a Figura 5 que parece-me a síntese das ações dos professores almeçadas pelos alunos.

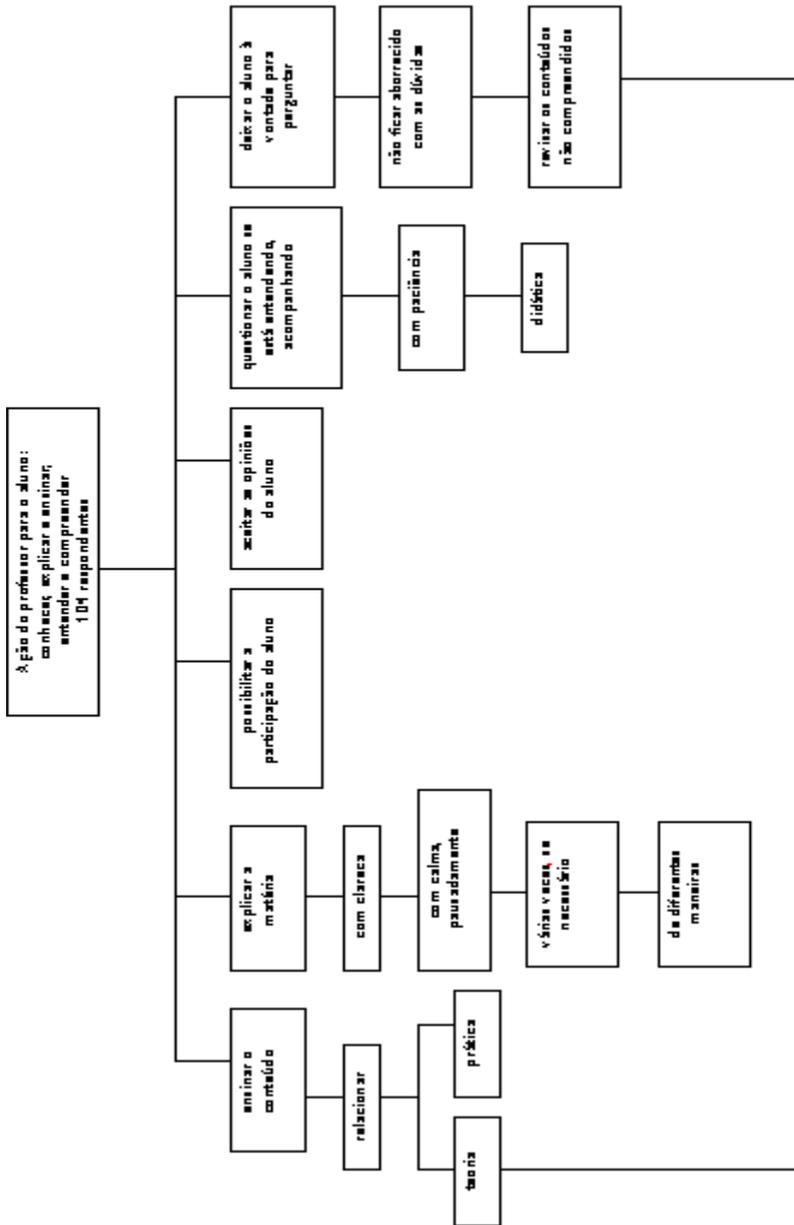


FIGURA 5 – Síntese das ações dos professores que representam as atitudes de respeito, ajuda, interesse e diálogo desejadas pelos alunos – 2004

Esses dados evidenciam que é essencial nas relações interpessoais – professor-aluno – que o professor conheça o aluno nas suas capacidades e limitações; acredite nele como ser humano, pessoa capaz e como futuro profissional.

As respostas dos alunos ingressantes no ensino superior noturno mostraram o quanto a dimensão afetiva está integrada à dimensão cognitiva. Confirmaram que a interação professor-aluno em sala de aula é um dos caminhos para a promoção da aprendizagem significativa, da socialização e do desenvolvimento do aluno e professor; caracterizaram as relações interpessoais que acontecem entre professor-aluno como um campo profícuo para estudos e pesquisas, pois são pessoas que interagem desenvolvendo-se e influenciando-se.

Assim, confirma-se ser função da Universidade acompanhar a “travessia” do aluno ingressante no ensino superior e valorizar a sua história incentivando-o para que possa dar um passo adiante e abrir-se para a vivência universitária que se caracteriza como um tempo de fazer, realizar, experienciar emoções, concretizar sonhos. A Instituição Universitária pode assumir um papel mais fortemente formativo e caminhar para a mudança de uma concepção do ensino universitário com base na reprodução e transmissão de conhecimentos, durante a formação do futuro profissional, para a formação mais integral, mais humana, identificando e acompanhando ansiedades, medos e dificuldades que emergem durante o ritual de passagem do ensino médio para o ensino superior.

Como dar conta dessas funções se não se pode esperar das relações interpessoais algo que não podem dar sem condições de suporte? É importante levantarmos alternativas para o atendimento das necessidades do professor, pois o processo de ensino-aprendizagem implica uma relação com dois pólos: a fraqueza de um enfraquece o outro.

Algumas possibilidades: a criação de laboratórios de aprendizagem para o desenvolvimento do professor em suas dificuldades de relacionamento e com o conteúdo; implantação de serviços de tutoria, no qual professores mais experientes ajudem os iniciantes ou os que enfrentam dificuldades, e propostas de planejamento de atividades conjuntas que integrem o corpo docente.

A Universidade representa para professores e alunos que a ela têm acesso um patamar elevado na trajetória profissional: é um *locus* privilegiado de conhecimento. Os alunos foram incisivos em demonstrar que desejam conhecimento e que que-

rem chegar a ele pela via do respeito, do diálogo e da ajuda. Querem respeitar o professor e desejam ser respeitados por ele; querem expor suas opiniões e ouvir as do outro; querem ser ajudados a se integrar nessa nova etapa que, se, por um lado, é gratificante, para a maioria – porque trabalhadores – exige sacrifícios de tempo de lazer e de horas do convívio familiar, assim como exige também recursos financeiros.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L.R. **Um estudo de constructo consideração positiva incondicional em Carl R. Rogers**. Dissertação de Mestrado, PUC/SP; 1980. 116 p.

ALMEIDA, L.R.; PLACO, V.M.N.S. (Org.). **As relações interpessoais na formação de professores**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

CARVALHO, A.M.Q.B. de. **Um estudo teórico do conceito compreensão empática nas obras de Carl R. Rogers**. Dissertação de Mestrado, PUC/SP, 1979. p. 75.

COLL, C.; SOLE, I. *A interação professor/aluno no processo de ensino e aprendizagem*. In COLL, C.; PALÁCIOS, J.; MARCHESI, A. (org.) **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. v. 2 p. 281 – 297.

COLL, C.; COLOMINA, R. *Interação entre alunos e aprendizagem escolar*. In COLL, C.; PALÁCIOS, J.; MARCHESI, A. (org.) **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. v. 2 p. 298-314.

COLL, C.; MIRAS, M. *Características individuais e condições de aprendizagem: a busca da interação*. In COLL, C.; PALÁCIOS, J.; MARCHESI, A. (org.) **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. v. 2 p. 353 – 373.

HOIRISCH, A. [et al.] **Orientação psico-pedagógica no ensino superior**. São Paulo: Cortez, Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.

PLACCO, V.M.N.S. **Um estudo teórico do conceito de congruência em Carl R. Rogers**. Dissertação de Mestrado, PUC/SP, 1978.

_____. **Formação e prática do educador e do orientador: confrontos e questionamentos**. 2.ed. Campinas, SP: Papirus, 1998.

ROGERS, C.R. **What psychology has to offer to teacher education**. In: Teacher, education and mental health. Association for Student Teaching, Yearbook, Cedar Falls, Iowa. State College of Iowa, 1967.

ROGERS, C. R.; KINGET, M.G. **Psicoterapia e relações humanas**. Belo Horizonte: Interlivros de Minas Gerais, 1975.

_____ **Um jeito de ser**. São Paulo: EPU, 1983.

_____ **Liberdade de aprender em nossa década**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

_____ **Tornar-se pessoa**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____ **Sobre o poder pessoal**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____ **Grupos de encontro**. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Artigo Recebido em: 13/07/2006

Aprovado em: 15/09/2006.